

## APRESENTAÇÃO

É com satisfação que apresentamos aos leitores a décima primeira edição da Movimento – Revista de Educação da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. No presente número contaremos com oito artigos, um relato de experiência e uma resenha.

Trata-se de uma edição que demonstra a pluralidade de abordagens teórico-metodológicas, de temáticas e de problemas de pesquisa no campo educacional. Os trabalhos publicados apontam para a necessidade de não perdemos a justeza crítica, em uma conjuntura em que a questão educacional configura-se como espaço de dramáticas lutas em torno de questões como a formação de professores, o trabalho docente e o currículo. Destacamos, enfim, a diversidade em nível nacional dos autores, o que nos leva a acreditar que a pesquisa em educação continua pujante e de qualidade, apesar dos enormes desafios que temos adiante.

Abrimos a seção com o artigo de *Luciane Sgarbi S. Grazziotin, Tainá Martins de Barros e Eduardo Cristiano Hass da Silva*, cujo objetivo foi investigar a relação entre os impressos de cunho civilizatório do primeiro quartel do século XX e as práticas sociais do cotidiano feminino, com ênfase nas questões de ordem moral e de relações de gênero. Fazendo uso dos conceitos de civilidade e representação, a pesquisa analisou seis edições da revista “Para Moças”, publicadas entre as décadas de 1940 e 1960. As autoras indicaram que a publicação “Para Moças” divulgava um discurso prescritivo com o objetivo de inculcar na mulher urbana representações de mulheres recatadas, religiosas e desejosas do matrimônio.

A pesquisa de *Leonardo José Pinho Coimbra e Ana Paula Ribeiro de Sousa* desenvolveu questões quanto à possibilidade de existência de uma escola sem partido, temática urgente na contemporaneidade. Partindo de considerações sobre três dimensões dos fundamentos da educação, a histórico-

material, a político-ideológica e a filosófico-cultural, com o objetivo de entender as práticas educativas formais e informais, os autores sublinharam o caráter histórico e centrado na transmissão de valores presentes na formação humana. Assim sendo, concluíram que não existe possibilidade de uma educação apolítica.

*Daniel Cardoso Alves* nos apresentou um trabalho sobre as representações de licenciandos acerca da instituição escolar. Tendo por objeto de pesquisa alunos do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação do Estado de Minas Gerais, o estudo consistiu em solicitar que alunos representassem, no papel, por algum tipo de linguagem não verbal, uma resposta a pergunta “como eu vejo a instituição escolar na contemporaneidade?”. Após a análise do material empírico, o autor confirmou a hipótese de que a escola se constitui como uma grafia sociocultural resultante da tessitura social que a constrói.

O artigo de *Marcos Antônio Bessa-Oliveira* se voltou para a questão contemporânea da formação docente. Filiado ao campo dos estudos culturais, o texto almejou ampliar as *epistemes* descoloniais na formação dos professores de Artes, cujos cursos baseiam-se em teorias estruturais. Considerando que o pensamento descolonial se funda em bases teórico-metodológicas distintas daquelas que caracterizam o estruturalismo, o trabalho evidenciou as possibilidades de reinterpretação de noções hegemônicas de cultura e arte, assim como as questões raça, gênero e classe.

Ainda no campo pós-estruturalista, o trabalho de *Bruno Nunes Batista* foi buscar na obra de filósofos como Foucault e Deleuze elementos para a discussão da genealogia do neoliberalismo. O texto sublinha que mudanças importantes no mundo do trabalho e no campo educacional vêm estimulando a conformação de um sujeito empreendedor, flexível, autônomo e empresário de si mesmo. Forma-se, portanto, um sujeito competitivo em termos de empregabilidade, concluem os autores.

Mudando a temática para a questão da educação no campo, as autoras *Maria Esperança Fernandes Carneiro, Lucia Helena Rincón Afonso e Maria Cristina das Graças Dutra* analisaram o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. A partir de uma análise documental, empírica e quali-quantitativa calcada no materialismo histórico-dialético, o texto desenvolveu três questões: a luta dos movimentos sociais do campo por educação e apropriação de uma base científica de conhecimentos; as contradições no capitalismo das educações como ponto importante na luta de classe, assim como suas principais características elitistas e discriminadoras; e a historicização e criação do INCRA/PRONERA.

*Anegleyce Rodrigues, Raquel Nunes Tavares e Lênin Tomazett Garcia* voltaram-se para a discussão acadêmica do currículo da Educação Física no contexto da nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Lançando mão da categoria metodológica ‘revisão bibliográfica sistemática da literatura’, as autoras selecionaram quatorze trabalhos para fins de análise. A pesquisa identificou três tendências no que diz respeito ao posicionamento de autores sobre a necessidade de uma base nacional para o currículo de Educação Física na escola básica: há autores que são favoráveis e otimistas quanto ao estabelecimento de uma base nacional; outros são favoráveis, mas ressaltam os interesses políticos e empresariais ligados à implementação da BNCC; e, por último, os autores que se colocam contrários à necessidade e à finalidade da BNCC.

Encerrando a seção de artigos, reeditamos o artigo de Marta Marucco, que discute o problema da formação docente na Argentina. A autora parte da premissa que a formação docente é atravessada por diversas contradições, desde o século XIX. Dentre essas contradições, a autora resolveu explorar a identidade de classe do trabalho docente, e as complexas relações entre prescrições e práticas. Ao fim do artigo, foram apresentadas algumas possibilidades de superação das contradições analisadas.

Na seção de relatos de pesquisa publicamos um trabalho, de autoria de *Cátia Pereira Duarte* e *José Francisco Fernandes Júnior*. Os autores relataram vivências colaborativas entre profissionais da Educação Física e da Psicologia que desenvolveram técnicas de concentração, relaxamento e autoconsciência em 75 alunos do Ensino Médio de uma escola pública de Juiz de Fora (MG). A experiência foi capaz de promover bem-estar e qualidade de vida aos alunos, conforme a análise de conteúdo das avaliações das aulas.

Fechamos esse número com a resenha de *Luciana Requião* do livro “Educação Musical e Unidocência: pesquisas, narrativas e modos de ser do professor”, organizado por Claudia Ribeiro Bellochio. Explorando a questão do ensino de música na educação básica, a obra parte de um diagnóstico que aponta o desinteresse na educação musical pelos cursos de pedagogia, para então problematizar os modos de ser e pensar de professores de música não especialistas, a partir das narrativas dos docentes. Os artigos publicados apontaram a necessidade de se ampliar os sentidos da música enquanto área de conhecimento no espaço escolar, sendo a formação do professor unidocente o caminho mais satisfatório a ser seguido.

Boa leitura!

*Regis Argüelles da Costa*  
Universidade Federal Fluminense,  
Niterói, RJ, Brasil